

**O INFERNO SÃO OS OUTROS: A INTERSUBJETIVIDADE SOB O OLHAR
EXISTENCIALISTA NA PEÇA ENTRE QUATRO PAREDES**

Mário Seto Takeguma
Sylvia Mara Pires de Freitas

Introdução

Neste trabalho apresentaremos os resultados da Pesquisa de Iniciação Científica (PIC) concluído em 2011, intitulada A intersubjetividade no teatro: análise existencialista da peça Entre Quatro Paredes. Buscamos em Jean-Paul Sartre (1997, 2006, 2010), filósofo considerado pai do existencialismo moderno, um ser humano imerso na realidade cotidiana, onde a consciência e ação estão sempre ligadas na construção do fenômeno da existência. Para isso tomamos como base principal a obra O Ser e o Nada (1997), para analisar a peça Entre Quatro Paredes (2006), ambas escritas por este autor.

Nossa tarefa objetivou descrever e analisar, da melhor forma possível, as relações com o outro, dramatizadas nessa peça, partindo do princípio que as relações estudadas estão totalmente permeadas pelo conflito, onde o olhar e o corpo do outro e dos outros estão sempre presentes forçando os personagens a se situarem numa relação triangular infernal.

A visão existencialista sartriana exposta na peça em questão, mostra a gratuidade da existência; abrindo as portas para o possível esclarecimento sobre o que afinal somos, ao apontar ontologicamente um método, uma vez que, para o autor, a escolha do ser é do próprio sujeito, haja vista ser este o seu próprio artífice. E o que isso significa? Para Sartre (1997) o homem é projeto, então este deve fazer-se ser, engendrar seu próprio sentido à vida, já que não existe um sentido universal atribuído à existência *a priori*. Não é por acaso que o existencialismo é um humanismo, pois coloca o homem fazendo-se homem, vivenciando a liberdade de escolha em cada situação.

Mas se o homem, por seu caráter ontológico, é um ser livre, até onde vai sua liberdade? Para o existencialismo, primeiro, não somos livres para deixarmos de ser livres, a nossa condição é o nada que projeta o tudo, logo, não podemos deixar de escolher ser para preencher esse vazio em termos de vir-a-ser, de devir. Estamos condenados a esta liberdade

espontânea que permeará nosso agir e que, através dela, construiremos ao longo da vida a nossa essência, logo, este limite será construído pela própria existência do ser no mundo. No entanto, existe outro limite para nossa liberdade: a liberdade do outro.

A existência das outras pessoas sob a mesma condição ontológica que a nossa, como veremos, tende a criar uma relação fundamentada no conflito. Nossa liberdade é limitada, de fato, por outra liberdade, outra consciência que ilumina suas próprias possibilidades, que cria mundos, que tem um agir, um pensar, um dizer, um cantar, enfim, um viver, outro viver para além do nosso.

Sartre (1997) se utiliza de dois conceitos básicos para a compreensão da realidade humana de acordo com a fenomenologia: o Em-si e o Para-si. O primeiro se refere a objetos que já são tudo que poderiam ser, ou seja, são pura objetividade. Os seres Em-si apenas são, eles apenas existem objetivamente, independente de qualquer consciência. Por serem absoluta objetividade, não têm planos, não têm sonhos.

Cada ser humano tem seu modo de escolher-se (ação) e ver-se (reflexão) no mundo, desta forma, cabe agora analisar quais os conceitos que permeiam este homem sartriano que se constitui na existência e tem como principal fundamento a consciência, não sendo esta consciência um objeto estático tal como uma instância da mente, mas sim um fluxo, uma intenção subjetiva. De acordo com este princípio, a consciência é movimento, é sempre consciência de alguma coisa, não sendo ela o objeto, ela é o direcionamento temporal, espacial e histórico que dá sentido à significação.

Neste sentido que Sartre pontua a má-fé, sendo a tentativa do sujeito de negar a ambiguidade da consciência, negando sua capacidade de inserir o nada no mundo, que é sua liberdade. O homem em vez de negar o mundo externo que o censura e buscar a sua autenticidade, por exemplo, quando ficamos muito nervosos com alguém e acabamos ofendendo essa pessoa, posso dizer que sou estourado, por isso cometi a ofensa, como se fosse natural ofender alguém porque sou desta forma. Mas veja bem, poderia ter escolhido outros meios para agir, poderia ter ponderado, poderia ter ironizado, porque ofendi? É o que Sartre (2010) aponta no seu livro *Esboço para uma teoria das emoções*, já que não consegui resolver a situação por meios mais delicados, parto para o ataque:

Quero causar medo. Ao mesmo tempo, uso de meio derivados para vencer meu adversário: injúrias, ameaças que “valem pelo” dito espirituoso que eu não soube encontrar, e me torno, pela transformação brusca que me imponho, menos exigente quanto à escolha dos meios. [grifos do autor] (Sartre, 2010, p.45)

Assim, é possível inventar diversas desculpas para nossas atitudes através da má-fé, dizendo que sou aquilo que não sou, ou seja, que sou essência dada. O importante neste caso, a saber, é que a má-fé não é um erro, mas sim, uma forma de negarmo-nos livres, contaminamos a fé com esta crença para fugir da angustia, mas esta saída também é uma escolha livre.

No cotidiano, as escolhas ganham significado quando são compreendidas através de nossas ações, a nossa potência é apenas apontada pelo mundo, mas é nossa, é de nossa responsabilidade o movimento de existência, nesse sentido Sartre coloca o homem em situação. Isso significa que somos livres para escolher, mas como nossas escolhas dependem, contraditoriamente, dialeticamente e dialogicamente, das coisas que estão no mundo, nossa liberdade existe dentro de um espaço vital, que é a vida humana propriamente dita, com suas relações interpessoais, vivências e abstrações.

As escolhas são situadas e, por isso, além dos aspectos históricos, políticos e culturais, temos também o outro, que é um ponto importantíssimo deste entorno. Da mesma forma que as condições alheias a liberdade afetam a existência, os olhares alheios invadem esta última e querendo ou não, o outro é um fundamento da existência alheia, pois vivemos com outros e pensamos sobre nós de acordo com o que pensam de nós, negando ou afirmando.

Na medida em que o outro, para além de nós, também institui o que somos, percebemos a existência de outro sujeito livre e dotado de consciência que não temos acesso. Ser-visto, precisamente, é saber que o outro pode fazer um juízo em relação a mim. Sou, no momento em que passo a ser-visto, uma transcendência-transcendida, ou seja, acabo me tornando objeto no juízo de uma liberdade.

Um juízo é o ato transcendental de um ser livre. Assim. O ser-visto constitui-me como um

ser sem defesa para uma liberdade que não é a minha liberdade. Nesse sentido, podemos considerar-nos “escravos”, na medida em que aparecemos ao outro. Esta escravidão não é o resultado – histórico e susceptível de ser superado – de uma vida, na forma abstrata da consciência. Sou escravo na medida em que sou dependente em meu ser do âmago de uma liberdade que não é a minha e que é a condição mesmo de meu ser. [grifos do autor] (Sartre, 1997, p. 344)

Essa cristalização, que é o que pensam de mim, o modo como sou visto, pertence somente ao outro que me vê. Leopoldo e Silva (2003) aponta uma contradição dessa relação, como coloca: “dependo do outro para me ver, mas essa visão que ele tem de mim só ele pode realizá-la. Dependo de algo que somente se realiza ao tornar-se inacessível a mim” (p.198). Logo, por ser uma cristalização inacessível, ela se esvai das minhas mãos, mas mesmo assim não nego que sou. Mas qual a origem de ser-visto?

Com efeito, só tenho a sensação de ser-visto porque alguém vê um corpo, não exatamente que este seja meu como um objeto que me pertence, posto que é o outro que vê e o postula, mas que sou esse corpo não há como negar. O fato de que sinto minha alienação através do olhar do outro, que me faz sujeito-objeto, deve-se a minha existência enquanto ser-no-mundo, ou seja, corpo em situação de vida. O olhar do outro sobre o meu corpo faz-me uma transcendência-transcendida, pois ele coloca em questão novas distâncias, porque o Outro estende suas próprias no mesmo mundo que antes era só meu, de distâncias que antes eram só minhas.

Alem disso, ao outro cabe postular o que sou, ele detém o segredo ante meu Em-si, ou seja, meu ser *fora*, seu olhar objetiva minha existência de fato. Logo, minhas atitudes em relação ao outro fundamentalmente buscarão a recuperação do ser que sou. Na peça, os personagens buscam constantemente a recuperação do ser pelo olhar do outro. Inicialmente isso se torna menos evidente, pois ao chegarem ao inferno eles ainda têm a quem recorrer na terra para recuperar seu projeto, mas posteriormente, com a quebra dos disfarces dentro da sala onde se encontram e o seu total esquecimento por parte das pessoas que viviam na terra com eles, deixam somente ao outro dentro da sala, assegurar a recuperação de seu ser. Nesta relação conflituosa ficam evidentes as duas atitudes fundamentais com o outro, pontuadas no

Ser e o Nada:

Assim somos arremessados indefinidamente do outro-objeto ao outro-sujeito e vice-versa; o curso jamais se detém, e é este curso, com suas bruscas inversões de direção, que constitui nossa relação com o Outro. Qualquer que seja o momento em que nos considerem, estamos em uma ou outra dessas atitudes – insatisfeitos tanto com uma quanto com outro; podemos nos manter mais tempo ou menos tempo na atitude adotada, conforme nossa má-fé ou as circunstâncias particulares de nossa história; mas jamais ela será suficiente; sempre remete obscuramente à outra. (Sartre, 1997, p. 506)

Sendo assim, as duas atitudes fundamentais para com o outro – assimilação (outro-sujeito) e objetivação (outro-objeto) da liberdade do outro – serão analisadas como as vivências do olhar do outro, sendo este o modo como as personagens da peça em questão, vivenciam sua transcendência como transcendida, aceitam o ser-visto pelo outro que os objetiva, pela liberdade do outro sendo assimilada; e as transcendências do olhar do outro, como modo como as personagens miram seu olhar-olhador para o outro a fim de objetivar e suprimir a liberdade do outro em objeto, em carne, em culpa.

Sartre (1997) diz que essas duas atitudes que tenho em relação ao outro, transcender sua transcendência ou assimilá-la, são opostas e compõem um círculo vicioso e não produzem uma síntese, ou seja, eles se destroem entre si e se produzem, pois são contraditórias e contém o outra em cada uma delas, o que gera seu fim e o começo da outra.

O que buscamos com esta pesquisa, ou seja, o nosso sentido original foi trazer do teatro a própria Psicologia existencialista. Colocamos os conceitos elaborados no livro *O Ser e o Nada*, em diálogo com as ações da peça *Entre Quatro Paredes*.

Apresentamos atitudes fundamentais da relação com o outro, tais como o amor, o ódio, o sadismo, a indiferença, a sedução e o desejo, que são primeiramente sentimentos para com o outro, são modos de vida pelos quais tocamos e somos tocados pela presença do outro enquanto ser humano, enquanto consciência e liberdade que nos põe em situação.

Objetivos

Tivemos como meta analisar compreensivamente, sob o enfoque existencialista, como são construídas a subjetividade e a intersubjetividade dos personagens na peça *Entre Quatro Paredes* (2006), de Jean-Paul Sartre, a partir de sua premissa de que “O inferno são os outros” (p. 45).

Na relação entre os três personagens - Garcin, Estelle e Inês - objetivamos identificar, através da redução fenomenológica: a auto-imagem real e ideal de cada um dos três personagens; como cada um percebe o outro; como cada um vivencia o olhar do outro; como cada personagem busca transcender o olhar do outro; como Sartre representa o inferno e suas punições, bem como o anti-inferno.

Metodologia

A pesquisa teve cunho bibliográfico, de abordagem teórica conceitual, privilegiando os conceitos sartrianos que fundamentam suas idéias sobre a existência e a intersubjetividade, mas também lançando mão de outros autores que serviram de interlocutores, ampliando e enriquecendo a análise compreensiva da peça.

Para a identificação do proposto nos objetivos específicos, lançamos mão da redução fenomenológica proposta por Husserl e para análise compreensiva, fundamentamo-nos nos conceitos existenciais sartrianos.

Quais caminhos percorremos? Inicialmente, contextualizamos a peça (2006) analisada, que traz como paradigma principal a alteridade permeada por problemas relativos à sua época, datada originalmente em 1944. Como veremos na contextualização, o primeiro título dado a peça foi *Os Outros* (*Les Autres*), sendo as questões levantadas por esta obra teatral relativas ao olhar, ao corpo, a responsabilidade.

Apresentaremos quadros com informações sobre a relação dos personagens com a auto-imagem ideal e real, como são percebidos pelo outro, suas vivências diante o olhar do outro, como transcendem o olhar do outro e as representações do inferno e suas punições e o anti-inferno para Sartre.

Cada quadro aborda um tema, os quatro primeiros focalizam cada personagem e em suas relações dentro da peça, sendo que a o último quadro é aberto para os conceitos

sartrianos de inferno, punição e anti-inferno, apontados dentro da peça. Prosseguimos com a análise existencialista dos fenômenos desvelados nestes quadros.

Contextualizando a peça Entre Quatro Paredes

Como já dissemos, nossa intenção foi a de realizar uma análise da peça *Entre Quatro Paredes*, escrita em 1944 por Jean-Paul Sartre. Historicamente a peça teatral foi nomeada primeiramente *Les Autres* (Os Outros), só posteriormente foi chamada *Huis Clos*, traduzida em português para *Entre Quatro Paredes* (2006), lembrando um abrigo antiaéreo onde as pessoas se escondem de um bombardeio eterno. As primeiras pessoas a interpretarem Estelle e Inês deveriam ser duas amigas de Sartre e, por pedido deste último, Albert Camus, também escritor e filósofo francês, deveria interpretar Garcin. (Paiva & Claret, 1998)

Sartre achou que sua célebre frase O inferno são os outros, dita pelo personagem Garcin em sua peça *Entre Quatro Paredes* muitas vezes foi mal compreendida, pois interpretaram que o outro era aquele que nos culpa e nos condena, mas, segundo ele, o que quis dizer com isso é que existem pessoas que se preocupam em demasia com o que os outros pensam e não percebem. Estão sempre encobrendo a liberdade do outro de nos olhar com hábitos que visam mascarar nossa existência e liberdade. O importante desta frase, é a denúncia de que quando pensamos no que somos, fazemos isso em relação a percepção do outro sobre mim, pois para ser-visto eu preciso da referência do outro, pois o segredo do que sou reside no outro. (Contat & Rybalka, 1973)

Sendo assim, esta obra não é só um reflexo das guerras e da necessidade de se engajar em uma causa que seja digna, mesmo em condições precárias e conflituosas. Ela também é um questionamento atual e pertinente, consiste em instigar a busca pelo saber das razões de nossas escolhas e do como a verdade instituída pelo olhar de outrem pode ser prejudicial e infernal, bem como, nos levar ao orgulho e alegria.

Logo de início da peça, entram em cena Garcin e o Criado que lhe apresenta o *Inferno*, ou seja, o lugar onde Garcin iria passar a eternidade depois que morreu. Rapidamente ele percebe que não existem estacas, chicotes, nem carrascos ao modo usual do inferno. Percebe também que não lhe é permitido piscar os olhos e que não existem espelhos, nem janelas e não foi lhe dada escova de dente.

Então, o criado deixa a cena, Garcin fica sozinho e ao passar do tempo ele começa a ficar desesperado e bate na porta, toca a campainha e pede para a abrirem. Na terceira cena, quando o Criado retorna à sala, traz com ele Inês. O Criado abre a porta e pergunta para Garcin se este o havia chamado, Garcin olhando para a nova hóspede, resolve mentir, diz que não chamou ninguém.

O Criado deixa-os a sós, Garcin tenta estabelecer um acordo de mútua indiferença com Inês, mas ela mostra não ser polida e quebra o silêncio, principalmente por sentir-se incomodada pelo medo de Garcin, que segundo ela, é expresso pelos gestos com a boca que demonstravam a aflição.

Por fim, entra a última personagem da trama: Estelle. Ao entrar na sala, ela se assusta com Garcin que está com a mão no rosto, ela pensa que vai encontrar pessoas sem rosto no inferno, mas se engana. Depois de passar o susto, Estelle olha para os canapés e não admite sentar num canapé verde-espinafre estando usando uma roupa azul-clara. O Criado sai, e assim, dá-se início ao principal conflito da peça: o conflito entre estas três liberdades enclausuradas, habitando um lugar sem espelhos, nem janelas, nem escovas de dente, tendo que conviver permanentemente sem intervalos, sem nem mesmo poder piscar os olhos ou matar o próximo, pois esse já está morto.

A peça é composta de três personagens principais e apenas um secundário: o Criado. Este que tem o papel somente de levá-los ao Inferno. O primeiro a entrar em cena é Garcin, um fugitivo do serviço militar, que foi pego durante sua fuga, preso e fuzilado, era um literato, um homem das letras. A segunda personagem a surgir na peça é Inês, uma funcionária dos correios, lésbica, morreu enquanto dormia, pois sua parceira ligou o gás e matou as duas durante a noite. A terceira e última pessoa a aparecer em cena é Estelle, uma mulher da burguesia, que vive buscando mostrar uma boa aparência, mas tem um passado obscuro e a causa da sua morte foi uma pneumonia.

A primeira a notar que o carrasco de cada um seriam os outros dois é Inês. No começo, os outros dois personagens tentam manter certa polidez, mas não Inês, esta busca a racionalidade e identifica-se como malvada, causando constantemente provocação, pois denuncia ao outro suas condutas de posse sobre a liberdade alheia. Ao passar do tempo, as máscaras caem e eles acabam contando o motivo pelo qual acreditam terem sido condenados

ao inferno.

Todos têm alucinações espaços-temporais que lhes mostram o que aconteceu depois da sua morte, fazendo alusão a ausência deixada por eles em relação as pessoas que eles conviveram e foram presentes enquanto vivos, num determinado momento da peça, Estelle sugere que o grupo seja chamado de “os ausentes” (Sartre, 2006, p. 50). Quando as pessoas se esquecem deles na terra e todos os seus álibis caem, o único jeito de assegurarem sua imagem está nas mãos dos desconhecidos que foram colocados juntos com eles no inferno, porém, como Garcin diz, eles já estão “nus como minhocas” (p. 76) por terem conhecido o pior de cada um deles, já estão tão íntimos que o seus disfarces e hábitos já não podem os salvar.

Nesse sentido, a peça busca questionar a angústia humana, nas questões existenciais dos personagens: as justificativas e a indiferença de Garcin mostram-se falsas e fracassadas no decorrer da peça. Com seu ideal de ser herói ele acaba sufocado pela sua indecisão constante perante as suas escolhas, vendo-se mais como um covarde ao final das contas. As exposições ao ridículo e o sadismo, por parte de Inês, que é nada sem a presença do outro, acaba revelando que sua maldade é total carência e impotência frente ao outro. O ar soberbo de Estelle, de como quem vive na alta sociedade desfrutando de diversas futilidades, acaba revelando sua contradição num passado obscuro e infanticida.

Esta pequena síntese da peça esboça a estrutura básica da mesma para a compreensão da trama. Fica patente a existência de relações concretas com o outro dentro da peça, até pelo modo em que estas foram levadas ao extremismo. Além de o olhar ser tratado de forma singular nesta obra, podemos dizer que o corpo não foi deixado de lado como se o inferno fosse totalmente subjetivo, pelo contrário, é sua total objetividade e facticidade, o inferno é concreto.

Resultados e discussão

Na peça, a liberdade que os personagens tiveram na vida que levaram, frente a suas dúvidas e escolhas, volta-se contra eles na forma de responsabilidade pelo que fizeram, tanto em relação a si mesmos e quanto aos outros. No decorrer da peça eles enfrentam o que fizeram na terra sob a forma de visões e são confrontados com as suas covardias e injustiças na forma de olhares e conversações com o outro.

A frase célebre de Sartre (2006) dita pelo seu personagem Garcin: “O inferno são os outros” (p. 45), pode ter sido várias vezes mal interpretada, como o autor mesmo coloca no prefácio do disco gravado com a peça em 1965:

Mas “o inferno são os outros” sempre foi mal compreendido. Pensou-se que eu quis dizer que foi porque as nossas relações com os outros ainda estavam envenenadas, relatando que sempre foi o inferno. No entanto, é outra coisa que eu quero dizer. Eu quero dizer que, se nossas relações estão torcidas, viciadas, em seguida, o outro pode ser um inferno. Por quê? Porque os outros são, basicamente, o que é mais importante em nós mesmos para o nosso próprio conhecimento de nós mesmos. Quando pensamos em nós, quando tentamos saber, basicamente, usamos o conhecimento que os outros têm sobre nós. Acreditamos com os recursos que os outros nos deram para nos julgar. [grifo do autor] (Sartre, 1965)

Desta forma, a questão da peça gira em torno do julgamento que os três personagens fazem um do outro, mas não exatamente de um julgamento aos moldes tradicionais da sentença que é dada pelo Outro. Há uma inversão: é o outro quem julga, mas são os julgados os que aplicam a sentença em si próprios. Ou seja, as pessoas que estão na peça sofrem muito com o julgamento do outro, mas elas estão mortas e não podem mudar as coisas. O sinônimo disso na vida são as pessoas que sofrem com o que pensam delas, mas não fazem nada para mudar, logo, estão mortas, não conseguem largar seus hábitos envenenados, seus vícios, suas condutas de fuga.

Abaixo, apresentamos cinco quadros que nos guiaram em nossa análise. Nos quatro primeiros desvelamos os respectivos sentidos dos olhares dos três personagens e no Quadro 5, as representações do inferno, suas punições e o anti-inferno para Sartre

QUADRO 1 – Como os personagens se sabem sendo e como se idealizam.

PERSONAGENS	AUTO IMAGEM REAL	AUTO IMAGEM IDEAL
GARCIN	Desleal	Heróico
ESTELLE	Superficial	Bonita
INÊS	Rejeitada	Malvada

QUADRO 2 – Como percebem o outro

PERSONAGENS	GARCIN	ESTELLE	INÊS
GARCIN percebe		Vazia	Racional
ESTELLE percebe	Salvador		Repugnante
INÊS percebe	Covarde	Bonita	

QUADRO 3 – Como vivenciam o olhar do outro

PERSONAGENS	GARCIN	ESTELLE	INÊS
GARCIN vivencia o olhar de		Covarde	Medroso
ESTELLE vivencia o olhar de	Rejeição		Intimidação
INÊS vivencia o olhar de	Inimigo	Rejeitada	

QUADRO 4 – Como transcendem o olhar do outro

PERSONAGENS	GARCIN	ESTELLE	INÊS
GARCIN transcende o olhar de (...) com		Indiferença	Indiferença
ESTELLE transcende o olhar de (...) com	Desejo sexual		Ódio
INÊS transcende o olhar de (...) com	Sadismo	Sedução	

QUADRO 5 – Representações do inferno, punições e o anti-inferno para Sartre

INFERNO	PUNIÇÕES	ANTI-INFERNO
<ul style="list-style-type: none"> - Sem janelas - Sem poder piscar - Sem dormir - Sem escovar os dentes - Sem saída 	<ul style="list-style-type: none"> - Conviver ininterruptamente com o olhar do outro. - Ver a sua história sumir na terra. - Ser constantemente julgado pelo outro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Controle da liberdade - Prazer sexual - Má-fé

Após os conteúdos acima identificados, analisamos primeiro as compreensões sobre o cenário da peça e as normas de convivência do lugar, bem como a subjetividade de cada personagem, para depois nos debruçarmos nos temas mais profundos que nos interessam: a má-fé e o ser-para-outrem dentro da obra e nas relações intersubjetivas entre os personagens, de acordo com o levantado nos quadros acima.

O que acontece na peça (além das rubricas) é que nesta anuncia-se o lugar onde os personagens estão e no decorrer das ações que esse lugar ganha vida no imaginário do público. A peça a qual analisamos foi projetada para ser representada dentro das casas e dos apartamentos dos membros da resistência francesa. Sabemos que este objetivo não foi alcançado na sua primeira apresentação, devida à prisão de algumas das primeiras pessoas que iriam representar a peça. (Paiva & Claret, 1998)

No início da peça, os dois primeiros personagens em cena falam sobre o lugar onde a ação irá ocorrer. Os móveis são os primeiros a serem questionados por Garcin, surpreso por ver um salão estilo Segundo Império, começa a inquirir o Criado sobre o lugar, o Criado diz que: *“Pense bem: Chegam aqui chineses e hindus. O que você acha que eles fariam com uma poltrona estilo Segundo Império?”*. Nestas primeiras frases o Criado já começa a dar sinais de que o lugar foi estabelecido sob medida para os ocupantes. Antes de buscar o próximo personagem, o Criado responde a Garcin sobre o que existe fora, como observamos através do seguinte diálogo: GARCIN: *[...] e lá fora?* / CRIADO (Estupefato.): *Lá fora?* / GARCIN: *É, lá fora! Do outro lado destas paredes?* / CRIADO: *Há um corredor.* / GARCIN: *E no final desse corredor?* / CRIADO: *Outros quartos e outro corredores e escadas.* / GARCIN: *E depois?* / CRIADO: *É tudo*”. (Sartre, 2006, pp. 35-36)

Mas o que mais surpreende Garcin de início é a falta dos artigos que encontraríamos no inferno segundo os cristãos. Garcin, consciente de sua morte, pergunta sobre as estacas, as grelhas e as foles de couro, mas o Criado nega a existência do inferno tal como dizem na terra. Notamos nesta ambientação uma troca do lugar comum para o inferno, ou seja, o inferno tal como é concebido nas religiões, para um lugar incomum e com diferenças nos tipos de tortura que irão se fazer valer neste território, ou seja, entra em cena o conflito intenso e permanente com o outro.

Sendo assim, Sartre nega os signos anteriores do inferno dantesco e cristão, colocando no cenário: três canapés, um cortador de papel, uma estátua de um herói muito pesada, uma lareira apagada, paredes angulosas e sem janelas, um interruptor que funciona de forma curiosa (só funciona quando quer) e uma porta pela qual os personagens entram e não saem mais. Outro dado interessante é a falta de espelho, que atinge com maior ênfase Estelle.

Estes objetos que compõem o cenário e a falta de outros que são sentidos, também

seguem a mesma intenção de aprofundar o conflito com o outro. O herói de guerra que faz Garcin lembrar-se constantemente da sua deserção, o cortador de papel um objeto do cotidiano, sem utilidade naquele ambiente, mas que pode fazê-los recordar a existência na terra. Este é questionado por Garcin no início da peça e apenas no seu final, aparece novamente para ser usado por Estelle na intenção de matar Inês, mas é inútil, pois todos estão mortos já. A falta de um espelho é sentida intensamente por Estelle, ela necessita da sua imagem para se sentir segura de si, afirmando sua existência pelo superficial.

Na peça, a lareira apagada claramente é uma ironia aos símbolos infernais mais frequentes que estão ligados ao fogo, ao vermelho, ao sangue. Como na peça a tortura basicamente é o outro, notamos que as paredes angulosas e os três canapés e as três pessoas, formam ângulos diversos, complexos, triangulares, mostrando o difícil equilíbrio encontrado numa relação de três pessoas, onde a balança pode pender para qualquer lado, sendo difícil um acordo comum aos três. A falta de janelas pode ser devido ao fato da peça ter sido escrita no início para se passar dentro de um abrigo subterrâneo antiaéreo, mas também lembra a solitária de uma prisão, onde os presos que cometem delitos dentro do próprio presídio são levados para ficar numa quartinho escuro, sem janelas, porém, completamente sozinhos.

Outra coisa que eles sentem falta é a escova de dente, o que faz alusão ao podre, ao desagradável, ao fedor, ou seja, representa o prelúdio das conversas ácidas que lá ocorreram nas próximas cenas quando todos estiverem juntos frente ao julgamento do outro e ao medo. A luz do quarto não se apaga e além de tudo eles não conseguem piscar e nem dormir, mostrando como o olhar vai ser determinante neste enredo, o olhar que irá fazer com que todos eles, nas palavras de Garcin, fiquem “nus como minhocas”. (Sartre, 2006, p. 76)

Sendo assim, a má-fé na peça é um tema central, as personagens têm consciência dos seus motivos, ou seja, dos motivos pelos quais foram condenados, mas nenhum consegue assumir uma postura diferente, pois estão mortos. Mas como Sartre (1973) diz os personagens da peça não são como pessoas normais, eles estão mortos. Sendo que a morte dos personagens na peça representa a morte em vida das pessoas que têm consciência do que o outro pensa e mesmo assim não fazem algo para mudar, eles tentam na verdade esconder seus atos, não os mudando e vivendo o inferno em vida, criam relações torcidas e viciadas

Destarte, analisamos quais são as contradições dos personagens e onde reside a sua

má-fé que os condenou ao inferno. Começamos por Garcin, este personagem é muito contraditório, em todas as suas ações, buscou se apresentar como algo que não era. Primeiro diz ao Criado que enfrenta a situação de frente, mas a sua atitude com a chegada das duas mulheres é abaixar a cabeça. Depois diz que foi herói de guerra, sendo ele um desertor. Enfim, ele tem plena consciência das suas ações, por isso tenta encoberta-las.

Como foi dito anteriormente, o seu real de homem é o homem desleal, aquele que esconde o jogo. Por isso, ao ser confrontado pelo olhar do outro, faz-se diferente, ele precisa esconder seus segredos. Sendo assim, ele se submete ao outro, tem medo da sua opinião.

A má-fé e a grande contradição de Garcin é acreditar que escondendo as coisas dos outros conseguirá controlá-los, mal percebe que justamente os seus segredos que fazem dele um escravo da opinião do outro e dão a ele o medo de ser confrontado com a sua imagem real.

A Segunda a ser analisada é Inês, ela é muito reflexiva, sempre se colocando no mundo e avaliando sua situação, sabe entender os motivos dos carrascos e dos medrosos porque ela também gosta de fazer sofrer e já teve medo. Porém, a sua má-fé, que ela mesma sabe, é depender em demasia do sofrimento do próximo para se sentir viva. Então o que acontece? Ela tenta controlar o outro com suas opiniões, afirmações, tal como fez com a esposa do seu primo e tentou fazer com Estelle, ela tenta fazer o outro ver com os seus olhos.

Então, a grande contradição desta personagem é justamente tentar controlar o outro pelo seu olhar, o que faz com que seu olhar seja escravo do outro. Ela precisa olhar, ela precisa do outro, quando diz para a esposa do seu primo que foi o amor delas que matou o ex-marido, por exemplo, na fala: *“E todos os dias eu falava pra ela: é minha querida, nós o matamos. (Silêncio). Eu sou uma pessoa má”* (Sartre, 2006, p. 82). É notável que para ela ser uma pessoa má é totalmente necessário a existência do olhar do outro, ela dependente do olhar do outro, então se ela se diz má é por conta de perceber o olhar dos outros condenando-a, sendo assim, se o objetivo dela era julgar o outro, o seu fracasso reside no fato de que ela sente a necessidade de ser julgada.

Por fim, Estelle, esta personagem gosta muito de harmonia, ela não gosta que nada esteja fora do lugar. Não é de se admirar que goste de ser tratada como objeto, quando diz para Garcin *“Me apanha, me leva pro seu coração, você vai ver como eu sou boazinha”* (Sartre, 2006, p. 99). Fica claro que ela gosta de se submeter. Porém, qual o objetivo desta

submissão?

Veja bem, se ela deseja objetivar-se na presença do outro é por intenção de assimilar a liberdade desse outro e controlá-lo. Garcin é só um homem qualquer para ela, que serve somente para escapar de Inês. E é assim que ela trata a todos, como objetos dos seus interesses, manipulando as pessoas com a sua submissão e falsa gentileza.

A sua contradição e má-fé é acreditar que controla os outros com a sua beleza, mas ela mesma torna-se submissa ao olhar do outro por conta desta tentativa fracassada de tornar-se bela ao olhar do outro. Tanto é que a falta de um espelho é sentida por ela com mais intensidade, mas quem olha no espelho, se olha posicionando-se no lugar de um outro. Quando eu olho no espelho, me vejo, mas me vejo não sendo eu, avalio-me sob o olhar do outro, ou seja, coloco-me no lugar do outro que me olha. Estelle fez tanto isso, que apagou sua auto-imagem e a mulher para ela não passa de um grande vazio.

Considerações finais

É muito difícil trabalhar com um tema tão complexo como o da intersubjetividade, pois ele trata das nossas relações mais cotidianas, das emoções que todos nós sentimos uma hora ou outra, das atitudes que assumimos ou não, que assumem em relação a nós ou não. Sendo assim, foi muito desgastante ver que nós mesmos cometemos as mesmas atitudes dos personagens e em diversos momentos nos encontramos no inferno sartriano.

O marcante foi perceber que quando nos submetemos à liberdade do outro, não perdemos a nossa, apenas nos entregamos sem reservas. O que é muito desagradável, pois quando percebemos que nós temos escolhas, a angústia aumenta vertiginosamente. Mas não custa nada lembrar que existe sempre a possibilidade de mudança, nós estamos vivos, ao contrário dos personagens da peça, e a partir do momento em que entendemos nossas motivações e ações, podemos mudar e agir diferente.

Transpondo o conhecimento adquirei com esta pesquisa para o Teatro, a contribuição é com a afirmação da importância fundamental do outro para nós. Hoje, tentamos não pensar somente se um espetáculo é bom ou não, mas também pensamos se uma platéia e os atores tiveram uma interação boa, mas quando estamos em cena e olhamos para o público, gostamos

de ver a reação das pessoas, os olhares nos rostos e não só nos olhos.

O que fica mais evidente é a importância do ator ter um corpo atento à situação da cena e não mecanizado para fazer determinada tarefa, o ator que mecaniza sua cena, entra numa zona de conforto que não permite para ele situar-se no momento efêmero do espetáculo, que a cada dia é diferente. O ator precisa ter uma fala nítida e bem articulada para que seja bem compreendido pelo público, não pode ignorar que existe o outro e precisa estar com o corpo totalmente presente, a fim de tentar situar a platéia nos conflitos da peça. Lógico que existem diferentes tipos de teatro, mas se estamos falando de um teatro existencial, preciso colocar o homem em ação e a platéia em movimento de significação existencial.

Além deste movimento da Psicologia para o Teatro, o oposto também se fez presente, pois este trabalho mostrou a importância do olhar do outro, do nosso corpo sendo um objeto de significação para este olhar. Podemos, neste momento, começar a refletir sobre novas possibilidades de oficinas e até terapias de grupo onde esse conceitos sejam abordados de forma concreta. Depois de concluído este trabalho, um dia ouvimos o comentário: “*mas ele não se toca*”, e pensamos, é muito justo dizer “*se toque*” para falar para pessoa perceber o que ela está fazendo. O fato chama a atenção para o corpo e a mente como sendo a mesma coisa, o corpo é o que sou, mas por vezes não percebemos quem somos e é pedido para *se tocar*, ou seja, se situar, se colocar no mundo em situação. Quando alguém não está consciente da situação em se encontra, é pedido pra ele *se tocar*, podemos posteriormente pensar nesta situação cotidiana e criar dinâmicas de grupo onde as pessoas se toquem para conhecer a si mesmo.

Por fim, resta falar que este trabalho não trouxe prescrição de como agir em relação ao outro, ele apenas descreveu algumas situações, desagradáveis por sinal, mas bem verossímeis. Pensamos que a grande lição que Sartre nos trás com sua obra, quanto aos seus apontamentos sobre a intersubjetividade, é que aceitar a nossa liberdade implica em aceitar a do outro, por isso existe a angústia e o conflito nesta relação. Quando percebemos que somos livres para agir e escolher, percebemos que o outro também o é, isto é o que gera a situação intersubjetiva.

Não podemos esquecer que Sartre pontuou situações muito desagradáveis, dentro de um tempo de guerra, onde o outro era um inimigo eminente. Se existe algo que é preciso ser

lembrado ao fim de tantos questionamentos infernais, é que o outro não é somente o nosso inferno, o carrasco, o fim, a limitação da liberdade, mas também é nosso paraíso, é o céu, é a paixão, é o amor, nosso parceiro na vida.

Palavras-chaves: Psicologia e Teatro, Intersubjetividade, Existencialismo.

Eixo Temático: 7. Novas perspectivas de pesquisa e atuação em Psicologia.

Referências

- Contat, M. & Rybalka, M. (1973). *Un Tréâtre de situations*. France: Gallimard. (T.S. dos Santos Trad.).
- Leopoldo e Silva, F.. (2003). *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: Editora UNESP.
- Paiva, M. W. & Claret, M. (1998). *O Pensamento vivo de Sartre*. São Paulo: Martin Claret.
- Sartre, J-P. (1997). *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. (11^a ed.), (P. Perdigão, Trad.), Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1943).
- Sartre, J-P. (2006). *Entre quatro paredes*. (2^a ed.), (A. Araújo & P. Hussak, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1944).
- Sartre, J-P. (2010). *Esboço para uma teoria das emoções*. (P. Neves, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Obra original publicada em 1939).